

---

## “Qualquer coisa serve”: Paul Feyerabend e a ciência anárquica da Comunicação<sup>1</sup>

Fabrizio SILVEIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre / RS

### Resumo

Tomando como referência de partida os textos apresentados no GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, nos últimos sete anos, o artigo discute a pertinência da filosofia da ciência de Paul K. Feyerabend para compreender a particular cientificidade da Comunicação. Ao mesmo tempo em que apresenta essa perspectiva epistêmica, especula também sobre as razões que a invisibilizaram, tornando-a quase inexistente, raríssima, nos debates da área.

### Palavras-chave

Paul K. Feyerabend; anarquismo metodológico; epistemologia da Comunicação.

#### 1.

Causa espanto que Paul Feyerabend não seja citado no debate epistemológico vigente há anos no campo da Comunicação. Karl Popper, Thomas Kuhn, Theodor Adorno e Edgar Morin são nomes incomparavelmente mais frequentes quando se trata de refletir sobre os contornos, as práticas e os problemas disciplinares de nossa área. Desde sua reclusão, em 2014, o GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, por exemplo, não acolheu nenhum trabalho que se propusesse a examinar o legado do filósofo da ciência e físico austríaco falecido em 1994. Em setenta artigos apresentados nesse fórum de pesquisadores brasileiros, nos últimos sete anos, Feyerabend é uma ausência retumbante. Não foi citado uma única vez sequer<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Teorias da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFSM. Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos, RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Email: [fabriciosilveira@terra.com.br](mailto:fabriciosilveira@terra.com.br).

<sup>3</sup> Estipulamos aqui, arbitrariamente, uma janela de sete anos (2014-2020) para observar com maior atenção a produção acadêmica que transcorre no âmbito da Compós. Uma dessas comunicações, apresentada por Luis Mauro Sá Martino, em 2014, se propunha a localizar as “trilhas da investigação epistemológica da área”, debruçando-se sobre um *corpus* de 126 artigos, debatidos entre 2001 e 2013, dentro do mesmo GT. Paul K. Feyerabend não consta na relação dos referenciais teóricos visitados. Nosso diagnóstico poderia então se ampliar: há vinte anos ele não nos serve, não significa praticamente nada à reflexão crítica sobre a cientificidade da Comunicação. Outro dado importante: de “um total de 819 autores citados no conjunto de artigos [...], 559 (68%) são mencionados uma única vez” (MARTINO, 2014, p. 04). É fundamental dispôr de sistematizações semelhantes (conferir, em acréscimo, para fins de complementações e outros paralelos, MALCHER, LOPES e MIRANDA, 2015; SIGNATES, 2017; MATTOS e OLIVEIRA, 2018). Esse tipo de mapeamento, porém, constitui, ele próprio, um debate de outra natureza. O texto de Martino, no caso, é ciente de suas próprias limitações: sabe que fazer epistemologia não é fazer senso bibliométrico nem estabelecer um *ranking* de autores, sabe que o debate epistemológico, propriamente dito, precisa transcorrer num patamar menos cartográfico, constatativo e taxonômico.

---

Se examinarmos um conjunto de publicações dedicadas à natureza e às particularidades de nossa ciência – conjunto esse que abrange e pontua duas décadas do pensamento comunicacional brasileiro (FAUSTO NETO, PRADO e PORTO, 2001; LOPES, 2003, 2016; FERREIRA, 2007; BRAGA, FERREIRA, FAUSTO NETO e GOMES, 2013; MARTINO, 2017a) –, encontraremos a perspectiva de Feyerabend mencionada em apenas uma ocasião. Nesse momento, foi equiparada, em termos de sua importância e de sua projeção históricas, ao falsificacionismo de Popper, ao historicismo de Kuhn e ao refutacionismo de Imre Lakatos (SANTAELLA *in* LOPES, 2016, p. 37)<sup>4</sup>. Mesmo assim, o que temos é apenas uma referência solta e isolada, como se não fosse necessário ampliá-la, dar-lhe maior espaço ou atenção. Feyerabend – este é o fato – não repercute entre nós, não ganha fortuna crítica nenhuma.

É estranho que seja assim, não há dúvida<sup>5</sup>. Gostaria de especular aqui sobre as razões desse silenciamento. Ao recusar Feyerabend, ao se afastar dele – supondo-o, talvez, como desimportante ou inapropriado –, o que a área enuncia a respeito de si própria, de sua autoimagem e das buscas epistêmicas que se coloca? É sua imaturidade que assim se evidencia, afinal se mostra incapaz de processar um clássico inquestionável da epistemologia moderna? Isso se deve ao baixo capital epistemológico do campo, sua precária e ainda titubeante cultura de pesquisa? O que incide sobre esse ocultamento: lógicas epistêmicas, tão somente, ou, para além delas, e/ou junto delas, lógicas atinentes à institucionalização do campo, às lutas políticas, aos arranjos sociológicos que produzem um consenso tácito sobre o *conhecimento legítimo* – sobre *um tipo* legítimo de conhecimento, pelo menos?

E as questões continuariam. O chamado “anarquismo epistemológico” de Feyerabend não se torna um tiro no pé, um obstáculo para a aquisição de respeitabilidade por parte da ciência da comunicação, num momento em que se esforça para se organizar e se fazer reconhecer, interna e externamente, como ciência digna, com “C” maiúsculo? Incorporá-lo não é algo contraproducente do ponto de vista da viabilidade de um “programa disciplinar

---

<sup>4</sup> Estes três autores – Popper, Kuhn e Lakatos – constituem o círculo de referências intelectuais e afetivas no qual Feyerabend se formou. Suas ideias são desenvolvidas, em parte, como resposta a eles, numa interlocução às vezes explícita – tal como acompanhamos em *Matando o Tempo* (FEYERABEND, 1996), sobretudo nos capítulos “Sexo, canto e eletrodinâmica”, “Londres e depois” e “Londres, Berlim e Nova Zelândia”. No acervo de setenta comunicações científicas do qual aqui partimos, Popper, Kuhn e Lakatos, aparecem referidos – individual, em dupla ou conjuntamente, todos eles – em oito artigos (ver BARBOSA, 2014). É intrigante que, nessa constelação relativamente visível, a estrela de Feyerabend se mantenha oculta.

<sup>5</sup> Nosso espanto se faz ainda mais sensível quando nos acreditamos trabalhando num *espaço aberto*, de fronteiras disciplinares pouco rígidas, extrema diversidade e trânsito contínuo de teorias.

---

forte” (para usarmos as palavras de Luiz Cláudio Martino [2017a])<sup>6</sup>? É inviável reivindicar a ação anárquica – ou algo assim, como faz o filósofo austríaco, conforme veremos – como padrão de uma identidade e modelo de suficiente coesão disciplinar? Que benefícios, enfim, poderíamos extrair ao correlacionar essas valências (num pólo, o legado de um epistemólogo controverso [deixado, entre nós, à sombra]; noutro, as expectativas de uma ciência bem delineada e madura da Comunicação)?

Tais questões recobrem múltiplos planos (são questões históricas, epistêmicas, sociológicas...) e podem, de fato, caso destrinchadas, render especulações produtivas. É esse o debate que procuraremos empreender.

...

O artigo está organizado da seguinte forma: num primeiro momento – concluindo-se agora –, consta a construção geral do problema e o chamado às questões de fundo, são formuladas nossas perguntas-guia, o esboço do enquadramento a ser perseguido; num momento posterior apresentaremos, de forma breve, sem pretender exaustão ou abrangência, porém síntese, os pressupostos fundamentais da filosofia da ciência de Paul Feyerabend; estaremos nos valendo, para tanto, dos livros *Contra o Método* (FEYERABEND, 2011), *Ciência, um Monstro. Lições trentinas* (FEYERABEND, 2016) e da autobiografia *Matando o Tempo* (FEYERABEND, 1996); numa terceira etapa encaminharemos nossas suposições finais e conclusivas; elas estarão dispostas em três núcleos ou estratos: a) as razões hipotéticas atinentes ao baixo impacto dessa matriz epistemológica no campo da comunicação (que se deixa subentender através do acervo de escritos acumulados, entre 2014 e 2020, no fórum da Compós – esses escritos não serão esmiuçados individualmente, serão apreendidos no conjunto global que formam); b) reflexões sobre a virtual adequação de uma “apropriação” de Feyerabend para os arrazoados e as deliberações futuras da área; c) um relato de caso, no registro da sociologia da ciência, que nos permitirá voltar à discussão epistemológica, ilustrá-la e amarrá-la.

---

<sup>6</sup> Luiz Cláudio Martino (2017a, p. 224) vê uma oposição entre um “programa fraco”, para o qual a Comunicação seria um *campo* de estudos, e um “programa forte”, segundo o qual teríamos efetivamente uma *disciplina* científica no seio das ciências sociais aplicadas. É uma recorrência epistemológica: um assunto muito tratado na área. Em razão disso, para manter o foco e seguir em frente, nos dispensaremos desse rigor terminológico (que opõe *área* x *campo* x *ciência* x *disciplina* x *saber*).

---

## 2.

Obviamente, nenhum autor, nem mesmo o mais badalado filósofo das ciências, possui cadeira cativa ou participação compulsória nos estudos de Comunicação. Ninguém é obrigado a citar ninguém<sup>7</sup>. Nenhuma presença deve ser imposta. Existem, porém, ausências e ausências. A invisibilidade de uns, em alguns momentos, é mais pronunciada que a de outros. O caso de Feyerabend, como suspeitamos, é o caso de um *desinteresse interessante*, uma dessas omissões reveladoras, dignas de serem investigadas. E – por que não? – digna de ser mitigada.

Mas como explicar esse apagamento? Uma primeira hipótese é a de que se deve, em parte, ao rótulo do senso comum acadêmico que aderiu a essa abordagem desde meados de 1970. “Anarquismo metodológico” foi o selo que acabou recebendo. Quase todo debate se esgotou em torno disso, da força redutora e autoexplicativa dessa expressão cunhada, como o próprio autor chegou a nos contar, por Imre Lakatos. Esse termo – “anarquismo metodológico” [admitidas aí suas versões mais frequentes: “anarquismo epistemológico”, “dadaísmo epistêmico”<sup>8</sup>] –, todavia, transformou-se num slogan publicitário, auxiliando na obtenção de alguma notoriedade, fixando o sobrenome do responsável na memória dos diletantes e dos pesquisadores impacientes.

Lançado originalmente em 1975, o livro *Contra o Método* ([1975] 2011) sedimentou essa reputação. Feyerabend sustenta, ao longo do texto – um texto que ele próprio definiu como sendo uma “provocação”, “uma montagem”, longe de um “tratado sistemático” –, a imagem da ciência como um “vale tudo” científico. O título da obra corrobora essa impressão<sup>9</sup>. Nada mais equivocado, contudo, do que atribuir ao livro um desmerecimento

---

<sup>7</sup> Considerar as marcas de um pensamento expresso na materialidade de um texto como número de citações localizáveis, realmente, é pouco. E pode ser bastante enganador. Não precisamos ressaltar que o essencial é o modo como um sistema de pensamento é apropriado e se põe em marcha, mostrando-se na superfície de um texto ou não, nos pressupostos que adota, na lógica interna que garante sua força e seu funcionamento.

<sup>8</sup> Em *Ciência, um Monstro*, assim que provocado, Feyerabend respondeu: “ao serem confrontados com a história da ciência em todo seu esplendor, os filósofos da ciência que acreditam na lei da razão ficariam tão chocados que diriam que a ciência é pura anarquia” (FEYERABEND, 2011, p. 131). *Contra o Método* inicia desse modo: o “ensaio a seguir é escrito com a convicção de que o *anarquismo*, ainda que talvez não seja a mais atraente filosofia *política*, é, com certeza, um excelente remédio para a *epistemologia* e para a *filosofia da ciência*” (FEYERABEND, 2011, p. 31).

<sup>9</sup> Fenômenos similares são comuns entre estudiosos das mídias. Umberto Eco, Marshall McLuhan, Guy Debord, Vilém Flusser, Daniel Boorstin e Jesús Martín-Barbero, para citarmos figuras ilustres, já flagraram seus conceitos centrais – ou os títulos de seus livros – funcionando como “buracos negros”: atraindo para si e fazendo desaparecer em seu interior uma ecologia muito mais rica de nuances, considerações interpretativas e variações de posicionamento. Os problemas advindos do êxito publicitário e mercadológico das escolhas editoriais dos títulos dos livros de Feyerabend foram tratados, de passagem, pelo filósofo Luis Henrique de Lacerda Abrahão, no que toca à obra *Ciência, um Monstro*, lançada no Brasil em 2016 (FEYERABEND, 2016). A autobiografia *Matando o Tempo* é ilustrativa, nesse mesmo sentido: além de um ótimo título – em especial por se tratar de um

---

irrefletido e irrestrito do método científico. O que está em cheque não é isso: antes, é o *monismo metodológico* (a ideia de que o método científico é um só e a única via para a obtenção de conhecimentos), o *racionalismo* e o *epistemocentrismo*. A “ideologia científicista”, em duas palavras, é o alvo justificado da crítica. Trata-se de atacar seus exageros e os privilégios que encobre.

No famoso prefácio à edição chinesa de *Contra o Método*, o autor é cristalino: *os eventos, os procedimentos e os resultados que constituem as ciências não têm uma estrutura comum* (FEYERABEND, 2011, p. 19). É essa assertiva que será demonstrada, capítulo a capítulo. Inúmeras consequências são extraídas daí: 1) *o sucesso científico não pode ser explicado de maneira simples*; 2) *o êxito da “ciência” não pode ser usado como argumento para tratar de maneira padronizada problemas ainda não resolvidos*; 3) *procedimentos “não-científicos” não podem ser postos de lado por argumentos*; 4) *o público pode participar da discussão sem perturbar caminhos existentes para o sucesso (não há tais caminhos)*; e 5) *pode haver muitas espécies diferentes de ciência – inclusive dentro de uma mesma ciência, complementamos* (FEYERABEND, 2011, p. 19-21).

O corolário disso tudo é a máxima (um tanto quanto empobrecedora, equivocadamente erigida, às vezes, à condição de um *princípio*) de que “vale tudo” (“*anything goes*”)<sup>10</sup>. Para Feyerabend, não há soluções gerais. Mesmo a física e a biologia são “aglomerados de práticas”, são coleções dispersas de assuntos, contendo tendências antagônicas. O fazer científico seria essencialmente heterogêneo, conflituoso e desarmônico. “Ora” – ele comenta (FEYERABEND, 2011, p. 15) –, “se a ciência não é mais uma unidade, se partes diferentes dela procedem de maneiras radicalmente diferentes e se as conexões entre essas maneiras são ligadas a episódios particulares de pesquisa, então os projetos científicos têm de ser considerados individualmente”.

Fragmentação. Casuística. Diversidade exuberante. Saberes cruzados e corresponsivos. Apesar disso, Feyerabend não é um epistemólogo pós-moderno, restringindo-nos à acepção que Boaventura de Sousa Santos deu ao termo (SANTOS, 1990). Também não é um defensor renitente da transdisciplinaridade ou de qualquer outro tipo de

---

relato autobiográfico, confessional, em tom de despedida –, é uma tradução quase literal do que significa, em alemão, a expressão “*feierabend*” (FEYERABEND, 1996).

<sup>10</sup> “*Anything goes*” é um verso retirado de uma canção de Cole Porter que Feyerabend ouvia durante a campanha de escrita do livro. “Vale tudo” foi a expressão consagrada pelas traduções brasileiras. Em italiano, foi escolhida uma forma mais coloquial: “*tutto fa brodo*”, algo como “tudo funciona igualmente bem”. A edição portuguesa de *Contra o Método* (Lisboa: Relógio D’Água, 1993) optou por uma variação mais formal: “qualquer coisa serve”.

---

interdisciplinarismo espetacular ou transgressor (BOAVENTURA, 2015)<sup>11</sup>. Embora advogue em defesa de um “pluralismo crítico” e da multiplicação de frentes epistemológicas concomitantes e até colidentes – “você irão fazer descobertas apenas quando proliferarem seus pontos de vista”, ele disse (FEYERABEND, 2016, p. 143) –, não podemos reduzi-lo à condição de um defensor banal da multidisciplinaridade.

Feyerabend, numa síntese, confronta a primazia da razão no que tange às práticas científicas. Alega que não existem, na acidentada história da ciência, evidências suficientes para acreditarmos que o progresso científico decorra de um acúmulo progressivo de racionalidade e capacidade explicativa. Não é através de uma razão depurada ao longo do tempo que os avanços científicos se darão, ele sustenta. Ou seja: suspeita da capacidade humana de compreensão racional do mundo, ponderando que recai sobre ela uma confiança exagerada. Essa confiança está na base daquilo que chama de uma “ideologia da ciência”, o *cientificismo*: a suposição de que a verdade dos cientistas – com seus métodos, suas liturgias, seus procedimentos e sua linguagem – seria mais confiável e mais legítima do que outras formas de inteligibilidade e outros modos de saber. O autor desconfia da própria viabilidade de um conhecimento universal, de formulação de teorizações abrangentes e generalizáveis, que possam ser apreendidas indutivamente da análise de casos particulares e remeter, a partir daí, a uma visão de conjunto, às leis nomotéticas, “inexoráveis e sem excessões”, à percepção de traços recorrentes e invariáveis. Para ele, nada garante que isso venha a ocorrer.

O anarquismo epistemológico de Feyerabend – é agora o filósofo Milton Vargas quem comenta –,

apesar de sua pessoal descrença na segurança, [na] certeza e [na] indubitabilidade da ciência, não é nem uma oposição à ordem estabelecida, como é o caso do anarquismo político, nem um ceticismo que desiste de valorizá-la. Consiste essencialmente em defender qualquer enunciado que encerre uma conjectura plausível, por mais absurda que pareça, desde que prometa um progresso dos [nossos] conhecimentos (VARGAS, 1997, p. 173-174).

---

<sup>11</sup> Na investigação de Katrine Boaventura (2015) há uma citação de Alan Chalmers. Nessa citação, Chalmers diz: a “política ‘vale-tudo’, interpretada num sentido mais geral daquele que Feyerabend provavelmente pretendeu, deve ser evitada devido à sua impotência” (CHALMERS *apud* BOAVENTURA, 2015, p. 09). Vale prestar atenção aqui: não é Feyerabend que está sendo citado, diretamente; além disso, ele está sendo utilizado para referir aquilo que não lhe diz respeito, que lhe é colocado como oposto – um típico *exemplum in contrarium*; o “vale tudo” que ele “*provavelmente pretendeu*”, por sua vez, não é perseguido nem explicitado, encontra-se fora do foco do estudo (e da citação que o estudo reproduz). Salvo algum engano grosseiro de nossa contagem, essa “não-citação”, indireta, inespecífica e adversativa, é uma “ilha”, uma ocorrência isolada nos textos da Compós que consideramos mais de perto.

---

Feyerabend optou pela “prática da ciência”, continua Vargas, em detrimento dos “padrões de excelência científica”. Feyerabend não está comprometido com *fatores internos* ao desenvolvimento científico. Quem faz isso é Karl Popper. Feyerabend, ao contrário, acredita que a ciência precisa ser validada externamente, reconhecendo-se (ou fazendo-se reconhecer) como útil, capaz de proporcionar uma rotina tranquila e o *bem estar comum*, para além de atender aos rigores e aos critérios exclusivos dos cientistas.

A boa ciência, no caso, é aquela que melhor serve à sociedade, que melhor interpreta, traduz e sistematiza os conhecimentos que lhe fazem progredir, economizar esforços e se manter em paz. Ser dispensável é o maior pecado da prática científica. Esse acento pragmático<sup>12</sup> – onde os produtos científicos se deixam instrumentalizar por propósitos éticos, mais éticos do que políticos –, aflora, especial e sintomaticamente, no já citado prefácio à edição chinesa de *Contra o Método*. “Meu principal motivo para escrever esse livro foi humanitário, não intelectual. Eu queria dar apoio às pessoas, não ‘fazer avançar o conhecimento’”, admite o autor (FEYERABEND, 2011, p. 22)<sup>13</sup>.

Façamos uma suposição. Suponhamos que Paul Feyerabend decide nos visitar. Durante um ano ele acompanha o que fazem os pesquisadores da Comunicação no Brasil. Ele frequenta grupos de estudos, aulas e grupos de pesquisa. Ele interage nos corredores das universidades, conversa com alunos e professores. Assiste bancas, palestras e seminários de pós-graduação. Ele prestigia os fóruns da área.

Depois de alguns meses, passa a suspeitar que o pensamento epistemológico produzido no país não se encontra no GT de Epistemologia da Comunicação, por exemplo, não está lotado num espaço como esse, onde as discussões são muito formalizadas, num nível altíssimo, onde os debates se auto-alimentam e, assim, num processo de autoestimulação contínua, produzem convergências e ocultamentos que falam mais sobre os micropoderes e as práticas de imitação, cortejo, conagraçamento e influência mútua que ali ganham terreno, ano a ano, do que sobre qualquer outra coisa, do que sobre a diversidade inabarcável de experiências concretas de pesquisa, de racionalismos exóticos, teorias em choque, de

---

<sup>12</sup> Nos anos em que ensinou em Berkeley, Feyerabend deu-se conta de que a “cultura americana” era muito maior do que [John] Dewey e [William] James. É o que narra no capítulo “Berkeley, os primeiros vinte anos”, em *Matando o Tempo* (FEYERABEND, 1996, p. 119-133). Para o filósofo Tiago Oliveira, com maior precisão, o realismo professado por Feyerabend seria um realismo *pluralista, hipotético e instrumental* (OLIVEIRA, 2012). Nesse contexto, a crítica e o avanço da ciência se dariam por *proliferação*. Numa fórmula, teríamos: *realidade* ↔ *teoria* → *realismo* ↔ *crítica* → *proliferação* → *realismos* (no plural) ≤ *formas de vida*.

<sup>13</sup> Em sua autobiografia, Feyerabend reforça essa ideia. “Entre meus motivos para escrever *Contra o Método*”, diz ele, “estava o de libertar as pessoas da tirania dos ofuscadores filosóficos e de conceitos abstratos como ‘verdade’, ‘realidade’ ou ‘objetividade’, que estreitam a visão e as maneiras de ser das pessoas no mundo” (FEYERABEND, 1996, p. 195).

gambiarras, viéses e saídas insólitas que agitam a vida dos pesquisadores no campo, na pressão de suas agendas, refêns de sua precária formação escolar e de seus regimes pessoais de sobrevivência e trabalho.

Feyerabend resolve intervir no GT. Quer submetê-lo a uma espécie de “concílio de sábios”. Esses sábios, no entanto, são “leigos instruídos”, educados pela ciência<sup>14</sup>. São cientistas não-profissionais. São eles que irão reter, a partir de agora, as verbas de pesquisa, irão dizer quem entra e quem sai, irão avaliar – em prol do bem comum – o que se faz ali.

Para nosso ilustre visitante, as Ciências, assim como a Religião, precisam estar radicalmente apartadas do Estado. De modo igualmente radical, precisariam se apartar dos próprios cientistas. Por que, afinal de contas, eles desejam ter poder? Numa sociedade aberta, verdadeiramente livre, a ciência só tem sentido se estimular um humanismo mais razoável, Feyerabend termina por concluir, um relativismo cosmológico mais civilizado. Esse é o núcleo de sua crítica ao *racionalismo* e ao *cientificismo* enquanto ideologia, enquanto “visão de mundo científica” que pode se fazer alastrar, pode tentar se impôr sobre as demais. O autor – nosso interventor hipotético, movido por suas nobres intenções – cogita uma *externalidade necessária*, capaz de contrabalançar os desígnios da razão.

Na verdade, Feyerabend sustentava que *cidadãos não especialistas* (organizados ou não em “comitês leigos”) deveriam examinar – munidos de “todas as informações relevantes” – os produtos materiais e intelectuais da pesquisa científica. Como defensor da “democratização completa da ciência”, o autor de *Contra o Método* sublinhava que o público tinha “obrigação” de participar da ciência: “primeiro, porque é parte interessada (muitas decisões científicas afetam a vida pública); segundo, porque tal participação é a melhor educação científica que o público pode obter” (ABRAHÃO, 2016, p. 21).

Feyerabend, como vemos, desloca o foco dos métodos (nisso, se assemelha a Thomas Kuhn<sup>15</sup>) e esvazia qualquer profissão de fé em torno de um ideal abstrato de “razoabilidade”.

<sup>14</sup> Uma epistemologia política da comunicação já foi cogitada por Lucrécia D’Aléssio Ferrara (FERRARA, 2016). Mais recentemente, o filósofo Martim Vasques da Cunha publicou *A Tirania dos Especialistas* (2019). Entre si, são formulações distintas. Caberia, de todo modo, filtrá-las, colocá-las em confronto, ampliando a crítica ao cientista como déspota, ao *cientificismo absolutista*, na margem daquilo que Feyerabend nos concede. Luiz Cláudio Martino, numa terceira via, nos fornece subsídios igualmente interessantes para pensarmos (e compatibilizarmos, se for o caso) as dimensões *exteriores* (dentre elas, as dimensões éticas e comunicológicas) das práticas epistêmicas (MARTINO, 20017b).

<sup>15</sup> Uma discordância de Feyerabend em relação a Thomas Kuhn diz respeito à noção kuhniana de “ciência normal”. Feyerabend é taxativo: não existe tal coisa. Certa vez, o professor José Luiz Braga escreveu algo semelhante: “não há ciência normal em Comunicação”. É o aforismo número 29, num escrito sobre o conhecimento aforismático (BRAGA, 2014, p. 49). Estaria Braga citando Feyerabend sem explicitá-lo? Ambos estariam disferindo golpes de ceticismo da mesma cepa?



O que importa é a prática mundana dos cientistas. Em sua *práxis*, esses sujeitos se transformam em déspotas e publicistas, trapaceiros e mentirosos, se for necessário. Lançam mão de todos os recursos e artimanhas de que dispõem para homologar a razão que, no mais das vezes, têm. *Contra o Método* está centrado em torno de Galileu Galilei, sublinha suas peripécias retóricas e propagandísticas para defender o argumento do *heliocentrismo* perante a sociedade de sua época, seus pares científicos e o Santo Ofício, as autoridades vigilantes da Igreja Católica, na transição para a Idade Moderna<sup>16</sup>. A história particular concreta e a vida prática – admitindo-se aí o conhecimento vulgar, os contrapoderes e a chancela do leigo como variável relevante, digna de ser disputada – são os motores reais do avanço científico, Feyerabend pontifica.

Alguma outra coisa pode calar mais fundo no interesse de um grupo de pesquisadores?

### 3.

#### (3a)

É arriscado demais especular sobre os motivos ocultos de uma comunidade, sobre as motivações por trás de um estrondoso silêncio coletivo. A questão que plantamos aqui, no entanto, não será respondida através de uma enquete. Nem mesmo a soma ou a listagem de razões individuais, anunciadas por um ou outro, aqui ou ali, nos daria evidências satisfatórias. O que buscamos não é uma verdade objetiva, um dado de objetividade. O que nos interessa é a trilha de um problema, explorar um campo de razoabilidades. O importante, no caso, não é a verdade. É o plausível.

Em artigo já referido, Luiz Mauro Sá Martino (2014) localiza sete bolsões de problemas epistemológicos em torno dos quais se engaja a área da Comunicação. São eles: 1) estudos sobre modelos, teorias e conceitos; 2) estudos sobre o conceito de Comunicação; 3) estudos sobre epistemologia e sobre a “extensão” da área; 4) questões de método e objeto; 5) estudos sobre autores específicos; 6) estudos de casos; e 7) estudos sobre interfaces

<sup>16</sup> Galileu Galilei é um personagem recorrente nos escritos de Feyerabend. No capítulo treze de *Contra o Método*, ele afirmou que o “veredito da Igreja contra Galileu foi *racional e justo*” (FEYERABEND, 2011; ABRAHÃO, 2016, p. 14-23). Em março de 1990, o então cardeal Joseph Ratzinger proferiu uma palestra na qual citava esse trecho, defendendo a mesma posição. Feyerabend considerava Galileu “um dos maiores cientistas-filósofos que já existiu”. Explica, porém, que, em se tratando da descoberta científica, as “questões de fato” não se dissociam das “questões de valor”. “Assim, na ótica feyerabendiana, a Igreja teria condenado um *expert* ‘atrevido e totalitário’ que colocava a autonomia da ciência (e uma visão particular da Verdade e da Realidade) na frente da sociedade e das ‘realidades básicas’ da vida humana” (ABRAHÃO, 2016, p. 19). Feyerabend retorna a esse episódio nas conferências trentinas, realizadas entre os dias 04 e 08 de maio de 1992. Para ele, a história de Galileu Galilei serviria para demonstrar que a racionalidade pode (ou precisa [ou, em algum momento, termina por]) se apoiar no irracionalismo, na tirania e na retórica, nos truques psicológicos e nas manobras políticas (ABRAHÃO, 2016, p. 14-23).

---

disciplinares. O reconhecimento dessas reentrâncias, como já dissemos, certamente auxilia o debate epistemológico.

Mas o que se pode extrair daí no tocante à reiterada e sistemática ausência de Feyerabend? No mínimo, que o campo potencial de sua inserção estaria encurtado. Dado esse encurtamento, seus interlocutores de maior notoriedade – como Kuhn e Popper – teriam ganhado a vez, teriam preferência.

E o que mais, enfim, se pode alegar quanto a isso? Pois bem. Recapitulemos. Nossa primeira hipótese, já aventada, diz respeito a uma desatenção motivada por um *senso comum acadêmico*. Funda-se, portanto, numa indisposição pouco razoável, num *pré-juízo racionalista*.

A segunda hipótese atribui o silenciamento de Feyerabend a uma *conveniência política*, de caráter tático. “Convém não se aproximar de um autor disruptivo, de reputação controvertida”, algum de nós poderá ter pensado. Numa longa e penosa travessia pré-paradigmática, num processo de institucionalização ainda em vias de consolidar-se, não é seguro apoiar-se num *irracionalista crítico* – ou num “reconstrutor irracionalista da razão”, como testemunhou o psicanalista italiano Sérgio Benvenuto a respeito das conferências de Trento (*in* FEYERABEND, 2016, p. 199)<sup>17</sup>.

A terceira, referida três parágrafos acima, reconhece um elemento interno à produção do conhecimento: a *dinâmica do debate entre-pares* teria promovido um desenho específico de questões de força, reincidências e escaninhos temáticos (e subtemáticos). Nesse “loteamento”, examinar a sério o suposto legado do “anarquismo epistêmico” de Feyerabend se tornou algo desnecessário, pouco urgente.

Em quarto lugar, relacionado ao anterior, se encontra a suposição de que os *encaixes entre epistemologias locais* (“da” Comunicação, como quisermos apostar, sejam elas quais forem) e epistemologias gerais (Popper, Kuhn, Lakatos – mas também Bruno Latour, Foucault, Bachelard e tantos outros), não se consolidou ainda como enfoque prioritário da área. Os pesquisadores se sentem mais mobilizados por seus objetos empíricos singulares, por seus arranjos teóricos locais, com suas trabalhosas “costuras” interdisciplinares, e por mapeamentos panorâmicos ou semipanorâmicos, quase sempre mais reconfortantes, pois se

---

<sup>17</sup> Os depoimentos coligidos em *Ciência, um Monstro. Lições trentinas* (FEYERABEND, 2016) dão conta de Feyerabend como um sujeito “malvisto” por alguns de seus pares, alguém que “parecia um gênio”, “um diretor de cinema”, muito embora “gentil, jovial, sem formalidade e sem pompa”. Era um “provocador”, um “aventureiro”, cujo desejo consistia em encontrar menos filosofia da ciência e mais cientistas filósofos. Era excessivamente “irônico”, “irreverente” e “dadaísta” para aquela cena de intelectuais italianos do início da década de 1990.

---

prestam a propósitos administrativos e, na ausência de maior lastro, maior preparo e compromisso epistêmicos, causam boa impressão, são mais práticos e limpam o terreno.

Em quinto lugar, porque o acionamento epistemológico em curso – como tendência dominante, postura de sete entre cada dez colegas – se dá num tom preponderantemente *afirmativo, racionalista, doutrinário, disciplinar e cientificista*.

Por fim – mas sem esgotar as possibilidades de explicação [e elas sempre podem ser mais prosaicas e numerosas do que pensamos] –, a suspeita de que a adesão ao *presenteísmo*, à instantaneidade e à novidade tecnológica – nosso encarceramento nos domínios da atualidade, poderíamos dizer – torna a História das Ciências uma disciplina de baixa adesão, muito pouco atraente, pouco útil às urgências de uma epistemologia da Comunicação consistente e pacienzosa. É também aí que nosso autor perde terreno.

### (3b)

É quase impossível tomar contato com os preceitos gerais da filosofia da ciência de Paul K. Feyerabend, com suas posições controvertidas, erráticas e brincalhonas<sup>18</sup> – como apresentamos aqui, enfrentando uma brutal restrição de espaço –, sem pensar nos problemas que nucleiam o debate epistemológico em vigor há cerca de uma década (ou mais) no campo da comunicação. A diversidade interna da área, a multiplicação e a dispersão exponenciais das teorias, o desconcerto quanto aos métodos e às fronteiras disciplinares, o ressentimento quanto aos limites e ao alcance estreito da razão – tudo isso parece estar lá. Todos esses pontos foram tocados, fica nos parecendo.

É absurdo compreender como “anárquica” uma ciência que já foi definida como “agonística”, “indiciária”, “tentativa” e “aforismática” (BRAGA, 2004, 2008, 2010, 2014)? É provável que não. Qualificá-la desse modo talvez seja, por certo, menos sofisticado. Com certeza, irá conduzir também a equívocos e mal-entendidos. Por outro lado, talvez expresse com exatidão a experiência real que hoje temos do campo, em termos de sua surpreendente vivacidade e sua amplitude crescente, mais ou menos desorganizada. O termo denota também a institucionalização irregular e até, em alguma medida, disfuncional, dado o excesso de burocracia e a atual escassez de recursos públicos, dada a extensão de continente e o

---

<sup>18</sup> Consultado sobre as lições de Trento, o sociólogo italiano Riccardo Scartezzini relatou: “Feyerabend apelou para que as novas gerações pudessem assumir a tarefa de ‘tornar as pessoas mais pacíficas e interessantes, sem se esquecer de melhorar a qualidade da cerveja’ – e, àqueles que se escandalizavam, ele salientava: ‘são, ambos, objetivos racionais; e não estou brincando quando menciono a cerveja, porque acredito que precisamos redimensionar as pretensões daqueles que defendem que temos de nos ocupar exclusivamente com a busca da Verdade’, negligenciando os pequenos prazeres cotidianos” (in FEYERABEND, 2016, p. 205-206).

---

desenvolvimento desigual do país, dada a ausência de parâmetros formais menos variáveis e sistemas de resposta social qualitativamente mais orgânicos e integrados.

A questão, entretanto, não é saber se Feyerabend é pertinente ou não à autoimagem que a área faz de si, compreendidos nessa demarcação um tanto quanto esdrúxula seus objetos teóricos e empíricos, os ângulos analíticos e os procedimentos investigativos que imagina como *sendo seus* – por herança, adoção ou por empréstimo. Nem mesmo cabe esperar que ele nos dê “respostas”. Tampouco se trata de tentar “aplicá-lo”, “sequestrá-lo” ou fazer com que se torne palatável à compreensão dos fenômenos midiático-comunicacionais, capacitando-nos, de súbito – por magia ou por malabarismo –, a deslindá-los, produzir algum norte ou alguma convicção explicativa. Como se viesse salvar a nossa pele.

Mais cauteloso, de nossa parte, é tentar fazer com que ele se posicione (ou melhor: seja assumido e posicionado, perfilando-se no horizonte) enquanto *epistemologia geral*. Quando circunscrita, essa *epistême* poderia – por teste, por hipótese ou por aproximação – reenquadrar problemas, redistribuir os pesos de cada um deles, permitindo que assim se reequalizem, se recolquem numa nova perspectiva, numa hierarquia distinta, aceitando-se, claro, que não irão se desfazer de todo, mas que podem, ao menos, perder dramaticidade, podem ser apaziguados e, assim, facilitar o sono, atenuando as angústias do pesquisador.

### (3c)

Para concluir, uma nota de sociologia da ciência<sup>19</sup>. A intenção é acentuar que os problemas enfrentados têm uma enormidade monstruosa. Não dizem respeito apenas à sedução do *cientificismo*, à percepção de que a maturidade epistêmica precisaria tangenciar o *epistemocentrismo* – superá-lo é o que Feyerabend nos ensina. Construir a área seria evitar enrijecê-la num ideal insustentável e absolutista de ciência. Ceder à *cientificidade* não é ceder à “ideologia do *cientificismo*”, como vimos. E tudo isso ainda precisaria ser feito, digamos, com “eficiência administrativa”. Nossa autonomização – compreendida como autoemancipação disciplinar, mas não só – precisaria ser capaz de agrupar logisticamente o diverso, pondo a trabalhar em conjunto pesquisadores com interesses distintos, oportunizando que uma certa ordenação se imponha entre eles, seja disputada num clima de “vale tudo” livre e tendencial, marcado por vetores mínimos de unificação (observacional, temática e metodológica). Sob pena de que a confusão, o *déficit*, a ausência de prumo e calibragem no

---

<sup>19</sup> Embora pertinente, invocar aqui Pierre Bourdieu (2004) seria uma flagrante extrapolação do foco e da estrutura expositiva com os quais nos comprometemos desde o início.

---

plano epistemológico legitimem (e, num efeito reverso, dissipativo e deletério, dupliquem) a confusão no plano do gerenciamento dos cientistas e de seus investimentos laborais.

Certa vez, me submeti a dois processos seletivos simplificados para a atuação como professor visitante em duas renomadas universidades federais do país. Esses dois processos ocorreram quase em simultâneo, no intervalo de poucos meses entre um e outro. Ambos visavam compor quadros docentes para a atuação nos respectivos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Os editais que regulavam esses pleitos eram editais padronizados, similares em boa medida, seja do ponto de vista das exigências impostas aos candidatos, dos conteúdos, das condições e da temporalidade de trabalho, seja do ponto de vista dos critérios avaliativos a serem utilizados, dos pesos atribuídos a cada um dos itens da produção de cada participante. Até aqui, nada a objetar.

Quando comparados, no entanto, os resultados me intrigaram. Num desses concursos eu havia sido aprovado em primeiro lugar, com nota 9,5, entre cinco candidatos. Noutro, eu havia sido reprovado, junto com mais um postulante – éramos, no total, apenas dois –, com nota inferior a 6,0. O edital de divulgação dos resultados fazia constar que meu concorrente fora eliminado devido a inconsistências em sua documentação comprobatória. Informava também que eu não possuía produção científica regular na área, não dispunha de seis publicações no período dos três anos imediatamente anteriores ao pleito. Consultei a comissão de seleção e me noticiaram que dois livros meus haviam sido descartados, não haviam sido validados, para efeitos de contagem: um porque era um livro de “ficção”, “literatura brasileira” constava na ficha catalográfica (muito embora estivesse visceralmente relacionado às minhas investigações acadêmicas em curso, muito embora constituísse o núcleo de minha participação em seis fóruns [três, nacionais; três, internacionais] da área, nos últimos dois anos, conforme atestava meu currículo)<sup>20</sup>; outro porque era uma coletânea de artigos científicos na qual eu atuara como um dentre seis organizadores. Meus protestos e minhas

---

<sup>20</sup> Esse tópico mereceria um artigo à parte. Logo em sua primeira página, o livro em questão se definia como um exercício *transficcional*: uma *escrita de apropriação* (conferir ABREU, 2018), um experimento *paracientífico* baseado na história de um personagem *real* (!). Uma distinção abrupta entre “ciência” e “ficção” muitas vezes é inviável e impropriedade mesmo em termos notariais. Em termos epistemológicos, esse corte “rigoroso” parece ainda mais ingênuo e equivocado. Oliveira, Machado, Franco e Santin Filho (2019) nos lembram que Feyerabend teria dito: “não há campos que sejam ‘puramente científicos’ e outros que nada mais são que ‘arte pura’, com uma área entre eles na qual as duas coisas se misturam, mas [existem] sim procedimentos artísticos que ocorrem por todo lado nas ciências e sobretudo lá onde se têm feito descobertas surpreendentes” (FEYERABEND *apud* OLIVEIRA, MACHADO, FRANCO e SANTIN FILHO, 2019, p. 240). Feyerabend, concordam os autores, (OLIVEIRA, MACHADO, FRANCO e SANTIN FILHO, 2019, p. 256), “aliou procedimentos artísticos e científicos na sua argumentação sobre as ciências, também entendidas por ele como [profundamente] atravessadas pelas artes”.

---

alegações foram em vão. No endereço de um daqueles câmpus – precisei me conformar – eu havia batido na trave: um item havia me faltado.

“Qual o saldo disso tudo?”, eu me perguntava. Pode um mesmo pesquisador, com a mesma produção, atuando e concorrendo numa mesma área, dentro do mesmo hiato temporal (dentro do mesmo semestre, no caso), diante das mesmas responsabilidades, ser avaliado tão diferentemente? Pode esse pesquisador ser apto e inapto ao mesmo tempo? Por mais que aceitemos a autonomia das instituições universitárias, por mais que venhamos a reconhecer a ciência como o leito natural do dissenso – junte dez especialistas num mesmo assunto e você jamais terá um consenso absoluto; você terá, ao contrário, avaliações com dez nuances distintas –, por mais que a comunicação se apresente, com orgulho, como um campo plural, por mais que tudo isso seja evidente assim como o vidro limpo é transparente, ainda assim, não há aqui uma discrepância excessiva? Qual seria o limite justo dessa variação?

Embora constitua um relato prosaico na rubrica da sociologia das ciências, como disse acima, nada além de uma exposição indiscreta dos bastidores que definem não só a vida dos cientistas mas a própria prática da ciência no Brasil, esse episódio pode ser tomado como *trampolim* para (retomarmos as) questões propriamente epistemológicas. As últimas, aliás, em se tratando de nossa cotidianidade vivida, não se apartam com facilidade das primeiras. Para o corpo vibrátil do pesquisador, epistemologia e sociologia da ciência constituem uma coisa só: uma massa amorfa de sensações, de compósitos, a princípio, indiscerníveis (envolvendo suspeitas, temores, regras, competências e auto-mistificações – um cálculo difícil de fazer). Não se trata, com certeza, de estipular qual das instituições federais, dando continuidade à exploração do exemplo, está mais ou menos correta, está mais ou menos equivocada. Ambas podem estar certas. Cada uma ao seu modo.

Trata-se de admitir, contudo, que, quando despovoado – isto é, quando rarefeita a cultura epistemológica instalada num dado campo –, o espaço epistêmico se permite colonizar, se faz tomar de assalto pelo formalismo das normatizações, pelo furor da cienciometria, pelas garantias legais e administrativas, pela máquina burocrática dos órgãos setoriais e pela preservação daquilo que é conveniente aos agentes circunstancialmente imbuídos de poder decisório.

Será sempre assim? É bem provável.

A ciência – para concordarmos então com Paul Feyerabend e para encerrarmos com ele – é o que resulta desse caos. O melhor cientista é aquele que melhor media essas tensões, que melhor convive com a irracionalidade que as permeia (e, muitas vezes, as define). O

---

*cientificismo* é o lodo no qual ele se retorçe. O melhor cientista é um negociador mais ou menos hipócrita, um cínico inabalável, que finge não ver o que vê (e vice-versa). A ciência é o que esse sujeito escreve – sem desconsiderar a forma como irá jogar seus textos no mundo.

## Referências

ABRAHÃO, L. H. Um elogio da fragmentação: comentários sobre o “último trabalho” de Paul Feyerabend. In: FEYERABEND, P. **Ciência, um Monstro**. Lições trentinas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016, pp. 07-36.

ABREU, L. F. Vozes comuns: notas sobre a apropriação e a propriedade como problemas comunicacionais. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 28º Encontro da Compós. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre / RS, 11 a 14 de junho de 2018.

BARBOSA, R. M. A metodologia dos programas de pesquisa para a Comunicação: uma proposta com base em Marshall McLuhan e Harold Innis. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 23º Encontro da Compós. Belém / PA, 27 a 30 de maio de 2014.

BOAVENTURA, K. T. Interdisciplinaridade e comunicação: um levantamento crítico. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 24º Encontro da Compós. Brasília / DF, 09 a 12 de junho de 2015.

BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da Ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, J. L. Um conhecimento aforístico. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo / RS, Unisinos, v. 1, p. 44-53, 2014.

\_\_\_\_\_. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Revista Matrizes**, São Paulo / USP, v. 4, p. 65-81, 2010.

\_\_\_\_\_. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, São Paulo / USP, v. 1, p. 73-88, 2008.

\_\_\_\_\_. Mais que interativo, agonístico. In: LEMOS, A.; SILVA, J. M.; SÁ, S. P.; PRYSTON, A. (orgs.). **Mídia.Br**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004, v. 01, p. 62-79.

BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (orgs.). **Dez Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

CUNHA, M. V. **A Tirania dos Especialistas**. Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FAUSTO NETO, A.; PRADO, J. L. A.; PORTO, S. D. (orgs.). **Campo da Comunicação**. Caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

FERRARA, L. D. A epistemologia política da Comunicação. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, no 25º Encontro anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia / GO, 07 a 10 de junho de 2016.

---

FERREIRA, J. (org.). **Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

FEYERABEND, P. **Ciência, um Monstro**. Lições trentinas. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. **Contra o Método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Matando o Tempo**. Uma autobiografia. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA / USP, 2016, 248p.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MALCHER, M. A.; LOPES, S. C.; MIRANDA, F. Circulação das discussões teóricas e epistemológicas da Comunicação no norte do Brasil. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 24º Encontro da Compós. Brasília / DF, 09 a 12 de junho de 2015.

MARTINO, L. C. **Escritos de Epistemologia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017a.

\_\_\_\_\_. A produção do conhecimento como jogo ético: para uma comunicologia do conhecimento. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 26º Encontro da Compós. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo / SP, 06 a 09 de junho de 2017b.

MARTINO, L. M. S. Trilhas da investigação epistemológica: o GT Epistemologias da Comunicação da Compós. Trabalho submetido ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 23º Encontro da Compós. Belém / PA, 27 a 30 de maio de 2014.

MATTOS, M. A.; OLIVEIRA, M. E. Uma mirada no passado para projetar os novos rumos da metapesquisa (2011-2016). Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 27º Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte / MG, 05 a 08 de junho de 2018.

OLIVEIRA, F. M. C.; MACHADO, C. A.; FRANCO, V. S.; SANTIN FILHO, O. Ciência e arte nas estratégias argumentativas de Paul Feyerabend. **Revista Em Construção** – Arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UERJ, Rio de Janeiro / RJ, número 6 / 2019, pp. 239-257.

OLIVEIRA, T. L. T. O argumento pluralista em favor do realismo hipotético de Feyerabend. **Sapere Aude**, Belo Horizonte / MG, v. 3, n. 5, p.142-160, 1º sem., 2012.

SANTAELLA, L. Por uma epistemologia antidualista. *In*: LOPES, M. I. V. L. (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA / USP, 2016.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Porto: Afrontamento, 1990.

SIGNATES, L. A Comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 26º Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo / SP, 06 a 09 de junho de 2017.

TERRA, P. S. **Pequeno Manual do Anarquista Epistemológico**. Ilhéus: Editus, 2016.

VARGAS, M. Paul Feyerabend, o anarquista. **Revista USP**, São Paulo (34): 166-174, junho / agosto, 1997.